

PÓS-COLONIALISMO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: DIÁLOGOS, CRÍTICAS E CONTRIBUIÇÕES

BRUNA CAVALLARI¹; LUCIANA MARIA DE ARAGÃO BALLESTRIN²

¹ Universidade Federal de Pelotas 1 – bruhcavallari@gmail.com 1

² Universidade Federal de Pelotas – luballestra@gmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas as ciências sociais vivenciaram o surgimento de teorias críticas que procuravam desconstruir ou questionar a lógica mundial instalada. Eventos ocorridos no século XX, como por exemplo, a descolonização da África e a intensificação da globalização, colaboraram para que se possibilitasse um estudo desse novo sistema que surgia.

Por um lado, o pós-colonialismo pode ser entendido como o período posterior aos processos de descolonização na segunda metade do século XX, enquanto contribuição teórica o termo trata de movimentos críticos que ganharam força nos anos 1980.

O pensamento Pós-Colonial inicia seus debates na literatura e nos estudos culturais ganhando destaque também nas áreas de sociologia e história. O pós-colonialismo não é uma matriz teórica única e uniforme. Nascida na crítica literária, principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra a partir dos anos 1980, o pensamento pós-colonial começa a difundir-se tanto geograficamente como para outras áreas teóricas. (COSTA,2006).

Ainda que o debate Pós-Colonial tenha penetrado fortemente em diversas ciências sociais e humanas a disciplina das Relações Internacionais tem se mostrado resistente a essa nova abordagem (NOGUEIRA e MESSARI 2005). A disciplina de Relações Internacionais, a qual tem sua origem na Ciência Política, tem sua produção acadêmica fortemente eurocêntrica e anglo-saxã. Desta forma, contribuições como o pós-colonialismo tem sido marginalizado não vislumbrando lugar de destaque nas agendas de pesquisa na área.

Portanto, esta pesquisa pretende explorar de que maneira ocorre a entrada da teoria pós-colonial nas Relações Internacionais. Os objetivos são os de demonstrar quais as principais contribuições do pós-colonialismo à teoria das relações internacionais e quais diálogos possíveis entre as duas matrizes.

2. METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa adotada foi utilizada, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica levantando-se o material necessário para a revisão bibliográfica. Em um segundo momento, é necessário fazer a comparação e o cruzamento dos pressupostos teóricos apresentados pela teoria pós-colonial com as relações internacionais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ainda que o pensamento pós-colonial não seja uno, disciplinar e articulado todos os autores dessa corrente se assemelham por interceder a favor do colonizado. Esse pensamento surge a partir do antagonismo e binarismo criados

a partir da colonização: só existe colonizado porque existe colonizador (BALLESTRIN, 2013). Podemos afirmar que a teoria pós-colonial pode ser dividida em três vertentes: a primeira com um caráter anti-colonial formada por autores como Albert Memmi, Franz Fanon e Aimé Césaire influenciados pelo pensamento afrodiáspórico; a segunda vertente encontra seus expoentes em teóricos como Spivak, Said e Hommi Bhabha e por fim, a terceira vertente com caráter decolonial e latino-americana exposta nos escritos de autores como Walter Dignolo, Arturo Escobar, Grósfoguel e outros.

O pensamento pós colonial parte do pressuposto basilar do colonialismo. Como colonialismo podemos entender o período histórico onde houve “conquista e controle da terra e bens de outros povos. Mas colonialismo neste sentido não é meramente a expansão de várias potências europeias na Ásia, África e nas Américas do século XVI em diante; tem sido uma fratura recorrente e disseminada da história da humanidade” (LOOMBA, p.8, 2005). O colonialismo desenvolveu uma relação de dominação direta, política, social e cultural dos europeus sob os povos dominados. (QUIJANO, 2005).

Ademais, o conceito de colonialidade desenvolvido pelos teóricos pós-coloniais é elemento centralizante deste pensamento. Segundo Grósfoguel, a colonialidade vai além do colonialismo, segundo ele “a colonialidade permite-nos compreender a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema mundo capitalista moderno/colonial” (GROSFÓGUEL, p.116, 2008). A colonialidade é dividida em três matrizes: colonialidade do poder (econômico e político), colonialidade do ser (gênero, subjetividade, sexualidade e conhecimento) e colonialidade do saber.

Um dos grandes debates dos autores latino-americanos encontra-se na colonialidade do saber e na geopolítica do conhecimento e sua ligação com as estruturas de poder do sistema-mundo moderno/colonial: “a elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado” (QUIJANO, 2005, p. 9). O que se problematiza é o silenciamento de outros saberes periféricos evidenciando que toda teoria é feita por alguém para alguém e que o lugar geográfico e os jogos de poder que permeiam essa produção influenciam nesse fazer científico perpetuando, também pelo conhecimento, a colonialidade.

A teoria pós-colonial critica os pressupostos epistemológicos que pautam a modernidade, conseqüentemente, a superioridade europeia. Spivak ao tratar da subalternização do colonizado revela que ela tem como produto relações de violência epistêmica. Assim, a ordem internacional moderna se inscreve numa relação de poder pautada pela diferença colonial entre os que pensam e produzem teorias e aqueles que existem apenas enquanto objetos de dominação.

Ao que cabe as relações internacionais, segundo Rodriguez (2013), a disciplina tem um caráter marcadamente ocidental tanto nas agendas de pesquisa quanto nas categorias, debates e teorias predominantes. É amplamente aceito que as relações internacionais enquanto disciplina científica se inicia a partir de 1648 com o Tratado de Westfália, ocasião na qual se origina o sistema europeu de Estados. Assim, “os pós-colonialistas [...] tem sugerido e mostrado que, apesar de um discurso ao contrário, o Ocidente tem sido autocentrado e pouco universalista, o que representa uma contribuição de peso à disciplina” (NOGUEIRA e MESSARI, 2005, p.230).

4. CONCLUSÕES

Pode-se concluir, portanto que o pós-colonialismo, ao mesmo tempo em que critica e questiona os alicerces da disciplina de Relações Internacionais propõe uma nova abordagem.

Em um primeiro momento, evidencia-se que uma das contribuições mais significativas é o empoderamento de uma leitura contra hegemônica da realidade internacional explicita pela Teoria das Relações Internacionais, como por exemplo, a releitura de categorias como identidade, nação e até mesmo contribuições para a discussão sobre globalização e democracia. O debate pós-colonial leva a questionamentos epistemológicos das bases das Relações Internacionais teorizada a partir do norte hegemônico colonial/moderno que ocultam a colonialidade como pilar da ordem internacional vigente, extrapolando os limites da disciplina e questionando a ideia de razão e ciência presentes no pensamento moderno.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o Giro Decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. no.11 Brasília Maio/Aug. 2013

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo e cosmopolitismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2006

GRSFÓGUEL, Ramon. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147. 2008

LOOMBA, Ania. **Colonialism/Postcolonialism**. Routledge, 2005

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Elsevier Rio de Janeiro, 2005.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y modernidad-racionalidad**, 2005.

RODRIGUEZ, Fernando Galindo. **Enfoques postcoloniales en Relaciones Internacionales: un breve recorrido por sus debates y sus desarrollos teóricos**. **Relaciones Internacionales**, N.22, fevereiro-maio de 2013L